

## APRESENTAÇÃO

Cineastas e escritores sempre promoveram intenso diálogo entre as linguagens construídas com imagens e palavras. No início os fundadores da arte cinematográfica buscaram inspiração nos textos literários. Mais tarde, ao longo do século XX, a influência do cinema nas obras literárias provocou um impacto decisivo nos rumos tomados pelo experimentalismo da narrativa ficcional. Este número da *Itinerários* centra-se na discussão sobre *literatura e cinema*.

Abre o volume um texto de natureza eminentemente reflexivo, escrito por Marcel Alvaro de Amorim, fundamentado nas teorias de transposição intersemiótica, adaptação e linguagem. O autor trata de problemas fundamentais para se entender a relação umbilical entre cinema e literatura, tais como a questão teórica da fidelidade, da traição e da transformação.

O segundo ensaio, de autoria de Álvaro Hattner, dá continuidade a reflexão semelhante, tendo por objetivo desenvolver uma comparação entre os métodos tradicionais de estudo das relações entre literatura e cinema, pautados em noções como fidelidade e equivalência, e as novas propostas de abordagem, fundamentadas nos conceitos de intertextualidade e transmidialidade.

Em “*The masque of the red death*”, conto do escritor norte-americano Edgar A. Poe e filme do diretor, roteirista e produtor Roger W. Corman há a instauração de duas instâncias enunciativas diferentes, com suas próprias estratégias discursivas, aponta Odair José Moreira da Silva, que pretende verificar, pelo viés da semiótica francesa, como esses enunciados dialogam entre si e comportam dois enunciadores distintos, mostrando que a infidelidade não deve ser considerada como a base de análise de uma leitura fílmica feita a partir de uma obra literária.

O ensaio de Sandra Sirangelo Maggio e Valter Henrique Fritsch focaliza a peça de teatro de John Patrick Shanley Shanley, *Doubt, a Parable* (2004), transformada pelo mesmo autor em roteiro do filme *Dúvida* (2008). A história passa-se no bairro do Bronx, nos anos 1960. O enredo baseia-se na dúvida de uma personagem, a Irmã Aloysius, diretora de uma escola. Ela acredita que outro personagem, o Padre Flynn, esteja molestando sexualmente o único aluno negro da escola. Os ensaístas buscam analisar as estratégias utilizadas pelo escritor para manter as possibilidades de interpretação aberta, que sustenta o enredo e permite a cada leitor/espectador construir sua própria interpretação dos fatos.

Focalizando o filme *Meia-Noite em Paris*, do cineasta Woody Allen, Marcos C. P. Soares propõe uma comparação entre temas e estruturas empregadas pelos escritores Henry James e August Strindberg, seguindo dois fios condutores: a

análise da figura do escritor norte-americano que busca na Europa uma solução para seus problemas criativos e a reflexão sobre o emprego do foco narrativo no cinema e na literatura.

José Carlos Felix analisa a adaptação filmica, feita por Elia Kazan, de *Um bonde chamado desejo*, de Tennessee Williams. A análise centra-se tanto em elementos formais quanto de conteúdo da peça que permitiram sua adaptação para o cinema, mas também focaliza aspectos específicos da criação cinematográfica, como a seleção do elenco, as cenas adicionais apenas mencionadas na peça, mas realizadas no filme, bem como o emprego de procedimentos técnicos, tais como movimentos de câmera, montagem, ambientação e iluminação, entre outros elementos de *mise-en-scène* que contribuíram para a construção do discurso filmico.

*Northanger Abbey*, da escritora inglesa Jane Austen, pode ser esteticamente definido como um romance metalinguístico e metaficcional assinala Genilda Azerêdo, mostrando que a elaborada construção de duplo discurso – contar uma história e ao mesmo tempo refletir sobre o artifício de sua construção – oferece uma instigante problemática de análise quando o romance é transposto para a tela a partir do roteiro de Andrew Davies.

O artigo de Brunilda Reichmann versa sobre a adaptação filmica da narrativa metaficcional *A mulher do tenente francês*, romance do escritor inglês John Fowles; a autora chega à conclusão de que o filme dirigido pelo cineasta inglês de origem checa, *Karel Reisz*, é ao mesmo tempo uma adaptação remissiva e digressiva, pela utilização de molduras na transposição da obra.

Wellington R. Fioruci, por sua vez, objetiva analisar o processo de adaptação da linguagem literária para o meio cinematográfico, salientando o diálogo entre essas diferentes linguagens; sua discussão parte de dois romances do escritor colombiano Gabriel García Márquez, *El coronel no tiene quien le escriba* e *El amor en los tiempos del cólera*, adaptados para o cinema pelos cineastas Arturo Ripstein e Mike Newell.

O artigo assinado por Luciana Borges e Silvana Barbosa Carrijo traz a discussão do tema literatura versus cinema para o âmbito da cultura brasileira, apresentando uma instigante análise sobre a natureza da relação que o filme *Caramuru: a invenção do Brasil* (2001), de Guel Arraes, estabelece com o poema épico *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão.

Adalberto Müller busca demonstrar, em seu ensaio, de que modo o livro *Cinematographo*, de João do Rio, não apenas estabelece pela primeira vez, nas nossas letras, uma correlação técnica entre o trabalho do escritor e o do cinegrafista, mas situa o cronista carioca como um autor genuinamente moderno, pelo modo como observa a metrópole em formação a partir de técnicas modernas de observação similares às praticadas no primeiro cinema.

O texto de Paulo Roberto Ramos volta-se também para a literatura e o cinema brasileiros, ao analisar as narrativas de *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e sua adaptação para o cinema, realizada por Nelson Pereira dos Santos. Nesse estudo, o autor põe em foco a música que perpassa o texto ficcional e o filme, buscando compreender como os dois artistas utilizam a música em suas realizações.

Barbara Cristina Marques analisa a interface literatura/cinema verificada no romance *O fotógrafo* (2004), de Cristóvão Tezza. Entre as características filmicas da narrativa em questão, a ensaísta privilegia o uso da montagem como o elemento organizador das cenas aparentemente soltas no enredo.

Mateus da Rosa Pereira, depois de realizar uma análise comparativa do papel desempenhado pela caracterização dos protagonistas em dois romances *O Continente* (1949), de Erico Verissimo, e *Netto perde sua alma* (1995), de Tabajara Ruas, procura demonstrar que procedimentos idênticos são adotados nas adaptações cinematográficas das duas obras em questão.

O leitor pode ter um estranhamento ao encontrar na Seção Varia dois textos que também abordam o cinema. Vai perceber, porém, que ambos focalizam gêneros literários não canônicos, que ainda são vistos por uma boa parte da crítica como produções intermediárias entre a literatura e outras formas de escrita. O artigo de Julia Scamparini analisa de que modo as autoficções literárias e filmicas promovem processos de subjetividade e jogos conceituais estimulados pela duplicação do autor e de fatos de sua vida em sua obra artística, os quais resultam, no caso específico do escritor Ricardo Lísias e da cineasta Lúcia Murat, em novas formas de trabalho com a imagem, a palavra, e com outras mídias

Já o texto de Patrice Bougon, traduzido do francês por Milena Magalhães, analisa o papel desempenhado pela escrita e pelas cartas nos filmes de François Truffaut, tomando-as como elementos essenciais da dimensão reflexiva da obra do renomado cineasta, que também se consagrou como um pensador do cinema.

Encerrando esta Seção, Ana Margarida Ramos empreende uma leitura comparada entre um folheto português de cordel do século XVIII e sua adaptação em revista de quadrinhos, tendo por objetivo analisar a subversão paródica realizada no texto matriz.

Foram selecionadas para este número três resenhas. A primeira, assinada por Ricardo Gaiotto de Moraes, apresenta o livro *Mário de Andrade no cinema*, publicado pela Nova Fronteira, em 2010. Organizado por Paulo José da Silva Cunha, o livro reúne os textos críticos do escritor modernista sobre cinema. A segunda resenha, de autoria de Áureo Joaquim Camargo comenta o livro de Robert John Oakley, *Lima Barreto e o destino da literatura*, lançado em 2011 pela Editora da Unesp. Trata-se de uma tradução do texto *The Case of Lima Barreto and Realism in*

*the Brazilian “Belle Époque”*, publicado em 1998, pela The Edwin Mellen Press, nos Estados Unidos.

A terceira resenha, escrita por Fernando Morato, retoma a questão do cinema, ao comentar o livro organizado por Ravel Giordano Paz e Fabio Akcelrud, *A indústria radical: leituras de cinema como arte-inquietação*, lançado em 2012, pela editora Nankin. Vários textos, ancorados em diferentes fundamentos teóricos, mas principalmente a partir de uma visão marxista, procuram ressaltar as contradições “não só dessa arte dúbia, dividida entre o mercado e a expressão intelectual, mas também do próprio sistema em que está inserida”, conforme palavras do próprio resenhista.

*Ana Luiza Silva Camarani*  
*Maria Lúcia Outeiro Fernandes*